

## SÓ TEREMOS O QUE TIVERMOS DADO

No final da vida, ficaremos apenas com aquilo que tivermos dado, aquilo que tivermos transformado em algo de eterno. Uma poesia de Tagore apresenta um pedinte a contar a sua história. Ei-la numa versão em prosa:

«Andava eu de porta em porta, pelos caminhos da aldeia, quando apareceu ao longe um coche dourado. Era o coche do filho do rei. Pensei para comigo: "É a ocasião da minha vida". Sentei-me e abri o alforge, na esperança de que a esmola me fosse dada, sem ser preciso sequer pedi-la; esperava, até, que as riquezas viessem a cair por terra à minha volta. Mas, qual não foi a minha surpresa, quando, chegando até mim, o coche parou, o filho do rei desceu e, enquanto estendia a mão direita, perguntou-me: "Que tens para me dar?" Que gesto de rei seria aquele de estender a mão a um pedinte? Confuso e hesitante tirei do alforge um grão de arroz, só um, e o mais pequeno, e dei-lho. Mas, que tristeza a minha quando, naquela noite, ao remexer no meu alforge, dei com um grãozinho de ouro, só um! Chorei amargamente por não ter tido a coragem de dar-lhe tudo» (R. Tagore, *Gitanjali*, 50)

Tudo aquilo que não se dá perde-se, dado que, pelo facto de estarmos destinados a morrer, morrerá connosco tudo aquilo que tivermos conservado até ao fim, ao passo que o que se dá fica preservado da

corrupção e, por assim dizer, expedido previamente para a eternidade.

Damos a Deus, quando damos ao próximo. Jesus «entregou-se ao Pai para a nossa salvação (Ef 5,2), assim também nós entregamos a nossa vida a Deus, ajudando os outros (1Jo 3,16).

(padreleo. Org)